

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Alexander Kluge: Por um Cinema Impuro
16 de Julho de 2021

VASCO DA GAMA – DIE AFRIKANERIN / 2021
“Vasco da Gama – A Africana”, 3’29”

MINUTENFILME
“Filmes-Minuto”, 15’

FRAU BLACKBURN, GEFILMT / 1967
“A Sra. Blackburn, Filmada”

ES GIBT KEIN RICHTIGES LEBEN IM FALSCHEN HASEN / 2018
“Não há Vida Real no Coelho Falso”, 2’38”

EIN LIEBESVERSUCH / 1998
“Uma Tentativa de Amor”, 15’05”

DER DARM DENKT / 1998
“O Intestino Pensa”, 5’39”

MEINE PHOSPHORESZIERENDE UHR / 2019
“Meu Relógio Fosforescente”, 1’57”

POLIZEI-TRIPTYCHON / 2018
“Tríptico Policial”, 4’38”

HINRICHTUNG EINES ELEFANTEN / 2000
“Execução de um Elefante”, 14’25”

FEUERLÖSCHER E. A. WINTERSTEIN / 1968
“E. A. Winterstein, o Extintor”, 10’

Alemanha, 1967-2021 / legendados eletronicamente em português

filmes de Alexander Kluge

Alemanha, 2019, 2007, 2017, 2001 – 3, 48, 12, 24 min / **Cópias:** da DCTP, em ficheiros, **Vasco da Gama, Ein Liebesversuch, Der Darm Denkt e Meine Phosphoreszierende Uhr** são legendados em português, e os restantes têm legendagem electrónica em português / Primeiras apresentações na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 85 min

Estas sessões assentam numa “montagem” de curtas-metragens oriundas de tempos e formatos muito diversos, realizadas ao longo de cinquenta anos, sendo que vários dos títulos aqui apresentados se desmultiplicam ainda noutras curtas-metragens que estão nelas contidas. Uma montagem de fragmentos vários que traduz bem a polifonia que atravessa a obra de

Alexander Kluge. Ontem, numa conversa que teve lugar na abertura da retrospectiva na Cinemateca, respondendo a uma questão sobre a importância da ideia de montagem no seu trabalho e sobre o papel do espectador face aos seus filmes, Alexander Kluge citou a visão polifónica de Abel Gance. A Gance vai buscar a multiplicação de ecrãs, mas é a Serguei Eisentein que recorre quando aborda uma ideia de montagem circular, que ganha uma progressiva importância a partir dos anos oitenta, quando dá a sua transição para televisão, para a qual foram produzidas várias das curtas-metragens desta sessão (ou outras suas versões).

Como escrevi num texto que será publicado muito em breve num catálogo que acompanhará a exposição de Alexander Kluge, *Política dos Sentimentos*, recém-inaugurada na Casa do Cinema Manoel de Oliveira/Fundação de Serralves (Joana Ascensão, *Alexander Kluge, O Cinema como Constelação*), “congregando uma coleção eclética de materiais sobre os mais diversos assuntos – artes plásticas, ópera, cinema, literatura, economia, ciência ou política –, abordados sob a forma de entrevistas, excertos de filmes e de outro material reapropriado ou registado para o efeito, os programas culturais que passa a produzir semanalmente para a televisão, assumindo as novas possibilidades de manipulação de imagens e sons introduzidas pelo uso do vídeo, permitem que Kluge aprofunde neste período o trabalho ao nível da montagem, que se revela sobretudo nos programas que conseguem alcançar maior complexidade(...)”. Paralelamente a estes programas televisivos “(...) nos últimos anos Alexander Kluge tem produzido um conjunto de obras que oscilam entre filmes muito curtos que, numa explícita homenagem ao cinema dos irmãos Lumière e filmes/programas mais longos que resultam da combinação destas “formas breves” e de outro material diverso, que o cineasta articula mais uma vez de modo surpreendente. Apresentados posteriormente no âmbito cinematográfico ou em contextos expositivos que frequentemente combinam vários ecrãs, desdobrando assim as possibilidades de montagem inerentes a cada um deles, estes filmes formam um todo polifónico cujo significado se distingue da mera soma das suas partes, apelando sempre a novas cadeias de sentido, que se alteram a cada reconfiguração para uma diferente apresentação. Pela multiplicação de possibilidades combinatórias, é nestes “filmes/programas/exposições” que a liberdade e a radicalidade do pensamento cinematográfico de Kluge assumem a sua máxima expressão.”

Este é o caso da exposição patente em Serralves, como é o caso do programa que constitui esta sessão (para o qual recuperamos alguns dos vídeos da exposição), ou de outros filmes de montagem/programas, que mostraremos ao longo desta retrospectiva, como **100 Jahre SOS**, **The Format of Short Films**, ou **Im Sturm Der Zeit**, ou mesmo das várias versões do seu **Nachrichten aus der ideologischen Antike: Marx, Eisenstein, Das Kapital**, em que esta ideia de montagem assume a sua máxima expressão.

A “coleção” de filmes de hoje remonta a 1967, com um extraordinário retrato da avó de Kluge e um retrato da própria Alemanha (**Frau Blackburn, Gefilmt**). Filmado a preto e branco num sistema de produção ainda relativamente convencional, mas muito devedor de uma ideia de cinema moderno, revela-se já como a dimensão pessoal se cruza desde logo no cinema de Kluge com uma história de carácter universal. No filme vemos por exemplo imagens fotográficas da sua irmã, Alexandra Kluge, que reconhecemos de **Abschied von**

Gestern, que realiza um ano antes, a par de outros materiais que irrompem no domínio familiar. Prosseguindo o tom mais autobiográfico, **Meine Phosphoreszierende Uhr** (2019) traduz as impressões do realizador enquanto criança face ao bombardeamento da sua cidade natal, Halberstadt, sendo a imagem constituída essencialmente por texto, característica de grande parte da sua produção televisiva. Um filme que alude a um episódio que ocupará um lugar central na obra de Kluge pelo modo como surge na sua produção literária e é continuamente retrabalhado de uma forma que remete para a interpenetração dos factos e da ficção.

Hinrichtung eines elefanten (2000) parte do filme que Porter realizou nas primeiras décadas do cinematógrafo, revelando simultaneamente violência das suas imagens e a violência que está por detrás dessas imagens. Um testemunho impressionante que remete para a importância do cinema mudo no universo de Kluge. **Ein Liebesversuch** (1998) e **Der Darm Denkt** (2017) prolongam a investigação de Kluge em torno da guerra e dos seus efeitos, bem como da dimensão inominável das experiências que foram levadas a cabo nos campos de concentração nazis. Se Kluge pretende chegar ao universal, parte de histórias muito particulares que revelam a irrupção de uma dimensão de irracionalidade que atravessa toda a sua obra.

Vasco da Gama – Die Afrikanerin (2021), numa clara relação com o contexto português, aponta para a importância que a noção de sentimento terá no trabalho de Kluge, como tão bem revela a história do navegador narrada pelo próprio, ou a exposição concebida para Serralves, de que se “recicla” este fragmento que, por sua vez, recupera e transforma projetos anteriores do realizador. Outras ideias e sensações surgem na acumulação dos restantes filmes da sessão, entre os quais uma colecção de “Filmes-Minuto”, cuja diversidade traduz a polifonia de todo o cinema de Kluge.

Alexander Kluge explicita bem esta ideia que radica numa montagem circular, que a dada altura também descreve como “constelação” quando, numa passagem que escreveu propositadamente para a edição portuguesa do seu livro *Crónica dos Sentimentos*, refere como Eisenstein adopta o princípio narrativo da constelação quando propõe um centro à volta do qual “se movem as histórias individuais”. E este é um princípio orientador desta sessão em que se colecionam filmes que, “como corpos celestes”, se movem livremente de programa para programa, de filme para filme, abrindo-se a novos sentidos que deverão ser encontrados nas suas relações. Um movimento que reserva um papel importante ao espectador e que abre caminho à sua imaginação.

Joana Ascensão